

**A REALIZAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS
NAS CARTAS FONÉTICAS DO ALTO ACRE**

Lindinalva Messias do Nascimento Chaves
lindinalvamessias@yahoo.com.br
Francisca Luana da Costa Santos
luanasantos_angel@hotmail.com

1. Introdução

Neste trabalho, o nosso objetivo é descrever a realização das vogais postônicas finais /e/ e /o/ na fala de cinco informantes do município de Xapuri e quatro de Assis Brasil. Dessa forma, partindo do pressuposto de que o processo de redução e enfraquecimento das vogais /e/ e /o/ é fato notório no Estado do Acre, buscamos apresentar subsídios para a resposta a duas perguntas:

Existe estabilidade das variantes?

Quais as explicações de cunho articulatorio para o(s) fenômeno(s) encontrado(s)?

Adotamos como hipótese a teoria geral proposta por Câmara Jr. (1977), descrita no item a seguir, na qual o autor afirma a existência de apenas três vogais na posição átona final da palavra. Mediante esta afirmação, os falantes observados apresentariam para os vocábulos *leite* e *bolo*, por exemplo, as seguintes variações: leit[i] e bol[u], com o alçamento da vogal postônica final.

O objetivo geral da pesquisa é contribuir para a descrição da fala acreana por meio do estudo de aspecto fonético específico nas cartas fonéticas referentes à Regional do Alto Acre, no caso, nas cartas referentes aos municípios de Xapuri e de Assis Brasil, e os objetivos específicos são: descrever as realizações das vogais postônicas finais /e/ e /o/ na fala dos informantes, marcando os elementos que interferem nessas realizações e sistematizar os dados obtidos com vistas à caracterização dialetal do Estado do Acre.

2. As vogais na ótica estruturalista

Para Matoso Camara (1977b, p. 34), em sua visão estruturalista, existem sete vogais orais, conforme quadro da figura 1, partindo da posi-

ção tônica da palavra, que se reduzem a cinco em posição pretônica, chegando finalmente a três em posição átona final da palavra.

Figura 1 – Vogais orais em posição tônica

altas	/i/		/u/	
médias	/e/		/o/	(2º grau)
médias	/é/		/ó/	(1ª grau)
baixas		/a/		
	Anteriores	Central	Posteriores	

(CÂMARA JR. 1977ª, p 31)

A concepção estruturalista de Câmara Jr. relativa às vogais em posição tônica é consenso na literatura específica. Silva (s.d), por exemplo, seguindo Matoso, escreve que, em posição tônica de palavra, existe um sistema vocálico que representa as sete vogais orais do português brasileiro já Cristóvão Silva (2003, p 79) afirma que a distribuição dessas vogais “é homogênea em todas as variedades do português brasileiro”, não havendo, portanto, diferenciações regionais em suas produções.

Em posição átona pretônica, esse sistema se reduz para cinco, conforme já mencionado. Essa redução se explica pela ocorrência de um processo que ficou conhecido por neutralização (CÂMARA Jr. 1977b, p. 33), sendo esse processo nada mais do que a perda do traço vocálico que faz com que possamos distinguir um fonema do outro. Dessa forma, em posição pretônica, as vogais médias-baixas /é/ e /ó/ e as vogais médias-altas /e/ e /o/ perdem a distinção que havia entre elas, quando na posição tônica, ficando o quadro representado por apenas cinco vogais (figura 2).

Figura 2 – Vogais orais em posição pré-tônica

Altas	/i/		/u/	
médias	/e/		/o/	(2º grau)
médias				
baixas		/a/		
	Anteriores	Central	Posteriores	

(CÂMARA JR. 1977b, p 34)

Cristóvão Silva (2003, p. 81), comenta esse fenômeno, dizendo que a variação de uso entre as vogais médias-altas /e/ e /o/ e entre as vogais médias-baixas /é/ e /ó/, quando pré-tônicas, não representa mudança de significado da palavra, marcando, sobretudo, uma variação dialetal. A

autora cita como exemplos os vocábulos: d[e]dal e d[i]dal; m[o]delo e m[ó]delo. Outros exemplos podem ser somados aos apresentados por Cristóvão Silva: [e]l[e]fante e [é]l[é]fante; B[o]lívica e B[ó]lívica; c[o]legio, c[ó]legio, c[u]légio. Efetivamente, o sistema completo de sete vogais só funciona em sílaba tônica; nas átonas, as vogais passam por um processo de neutralização, reduzindo-se cada vez mais, na medida em que a vogal ocorre em posições silábicas diferentes (CALLOU; LEITE, 1995, p. 77).

Borges (s.d.) caracteriza as regras de neutralização como processos fonológicos que não se definem como casos de variação linguística, apenas variação dialetal. Para a autora, casos de variação linguística podem ser encontrados em processo de alçamento vocálico, como o fenômeno de harmonização vocálica descrito por Bisol, logo mais adiante.

No que concerne às regras de neutralização para as vogais átonas não finais, Matoso Câmara, salienta que existem quatro vogais, a saber, as vogais a, e, i, u. Este autor (1977) nos fornece o seguinte quadro para representar as vogais átonas não finais.

Figura 3 – Vogais orais em posição pós-tônica não final

altas	/i/	/u/
médias	/e/	
médias		
baixas	/a/	
	Anteriores	Central
		Posteriores

(CÂMARA JR. 1977b, p 34)

Em relação às átonas não finais, Silva (s.d) explica que o processo de neutralização ocorreu entre as vogais médias /o/ e /u/, mas, não entre /e/ e /i/, resultando num sistema vocálico átono não final de quatro vogais. Para esse caso, Silva cita como exemplos as palavras fósfo[r]o e abób[u]ra.

Com relação às vogais orais postônicas finais, Matoso Câmara fornece o seguinte quadro:

Figura 4 – Vogais orais em posição pós-tônica final da palavra

altas	/i/	/u/
médias		
médias		
baixas	/a/	
	Anteriores	Central
		Posteriores

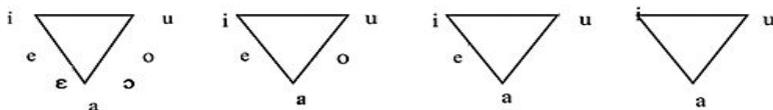
(CÂMARA JR. 1977b, p 34)

Para Câmara Jr., as vogais orais médias /e/ e /o/ foram suprimidas pelo processo de neutralização, passando a adquirir o traço de uma vogal alta, sendo pronunciadas como /i/ e /u/, respectivamente. Assim, segundo o mesmo autor, alguns autores de Linguística e de Língua Portuguesa costumam citar como exemplos as palavras Júri e Jure, que são pronunciadas da mesma forma, com o traço mais alto da vogal, sendo que a única forma de distingui-las é observar o contexto no qual elas estão inseridas. A perda do traço que as distingue só é possível na fala, pois, na forma escrita, permanece a presença das vogais que as diferenciam, a saber, as vogais [i] e [e]. Em resumo, para este linguista, o alteamento ocorre plenamente em contexto postônico final, acarretando, por conseguinte, um sistema de três segmentos: arquifonema /I/, resultado da neutralização dos fonemas /E/, /e/ e /i/; arquifonema /U/, resultado da neutralização dos fonemas /O/, /o/ e /u/; e fonema /a/.

Esse sistema triangular das vogais tônicas, pretônicas e postônicas (finais e não finais) é representado da seguinte forma:

Figura 5

(1) A neutralização, segundo Câmara Jr. (1977)



Fonte: Câmara Jr. (1977)

Coutinho (1976) faz uma apresentação das postônicas no fim ou no interior das palavras latinas, as postônicas finais ou não finais, neste último caso, correspondendo às internas. Desde o latim clássico ao vulgar, essas postônicas já eram comparadas às vogais nas outras posições, mais pensadas a alterações e a quedas.

Na esteira de Câmara Jr., Callou e Leite (1995, p. 77-78) argumentam a favor da existência de apenas três vogais em posição postônica final da palavra, ficando o sistema reduzido às vogais i, a, u. Para a explicação desse processo, as duas autoras escrevem que, quanto maior o grau de atonicidade da palavra, maior será a possibilidade de ocorrer a neutralização e o sistema vocálico cai de sete, em posição tônica, para apenas três vogais em posição átona final. Para as autoras, a vogal i representa toda a coluna das vogais anteriores e a vogal u representa toda a coluna das vogais posteriores, a vogal a, assim como nas demais posi-

ções, continua representando a coluna central, já que a vogal *a* não constituiu uma dualidade opositiva, quando estruturado de forma triangular.

O presente trabalho está situado neste último caso; observe-se que Câmara Jr. aponta a ocorrência de três vogais nessa situação. Contudo, este não é um ponto pacífico entre os diversos autores que se debruçaram sobre o assunto em localidades diversas, como se verá a seguir.

3. *Estudos sobre as vogais postônicas finais em diversas localidades do Brasil*

Nestes últimos anos, diversos autores têm retomado o estudo das vogais, tanto das pretônicas quanto das postônicas, em diversas regiões do Brasil. Schmitt (1987) foi um dos primeiros autores a estudar a realização das vogais postônicas finais e não finais no estado do Rio Grande do Sul, analisando a fala de 12 informantes a partir dos dados coletados por Bisol na década de 80. Schmitt concluiu que no Estado do Rio Grande do Sul é notória a preservação das vogais médias *e*, *o* em contexto postônico final da palavra, devido à interferência de outra língua. Já em Porto Alegre, a regra de elevação de /e/ e /o/ aplicar-se-ia de forma quase categórica, sendo inibida linguisticamente nos contextos em que a vogal é seguida de consoante ou de outra sílaba (caráter, nível, tráfego, gênero).

Lenzi (s.d) examinou essas vogais em produções de falantes do município de Doutor Pedrinho, no estado de Santa Catarina. O autor concluiu que, nesse município, os falantes utilizam cinco vogais na posição postônica final de palavra, contrariando a regra dominante proposta por Câmara Jr. A explicação se dá pelo fato de que a maioria dos habitantes de Doutor Pedrinho é descendente de Italianos e Alemães, o que pode influenciar a fala dos habitantes dessa localidade. Portanto, nesse caso, muito mais do que os fatores linguísticos, são os fatores extralinguísticos os que mais influenciam nesse processo.

Roveda (1998) analisou a fala de 48 informantes (banco de dados VARSUL), 24 monolíngues das cidades de Porto Alegre e Florianópolis e 24 bilíngues das cidades de Flores da Cunha e Chapecó, de colonização Italiana. Para Roveda, é notória a elevação das vogais postônicas finais na fala de informantes monolíngues, já na análise da fala de informantes bilíngues é notória a baixa aplicação de elevação das vogais em análise.

Também para Silva (s.d), a representação das vogais postônicas finais não atende a toda a variedade linguística do Brasil. Ele cita como

exemplo o Estado do Rio Grande do Sul que, com exceção da capital, apresenta um quadro de representação das vogais finais átonas diferente da proposta apresentada por Câmara Jr. Segundo Silva, pesquisadores como Schmitt (1987), Vieira (1994, 2002), Roveda (1998), Carniato (2000) e Mallmann (2001), têm confirmado essa hipótese através dos estudos realizados. O autor, assim como Lenzi, credita essa diferença de representação do quadro vocálico das átonas finais, à intervenção dos fatores sociais no processo, como por exemplo, a existência de fronteiras internacionais e famílias descendentes dos colonizadores italianos e alemães, principalmente, na região sul do Brasil.

Vieira (s.d.) analisou o comportamento das vogais médias átonas finais e não finais na fala de 16 informantes em cada capital da região sul, Porto Alegre (Rio Grande do Sul), Florianópolis (Santa Catarina) e Curitiba (Paraná), todos com dados do Banco VARSUL. A análise foi feita sobre o contexto postônico final e não final das vogais médias *e*, *o*.

Sendo assim, foram selecionados:

- 5. 962 contextos para a vogal /e/ e;
- 7. 622 contextos para a vogal /o/ em contexto postônico final da palavra;
- 136 contextos para a vogal /e/ e;
- 144 contextos para a vogal /o/ em contexto postônico não final da palavra.

Após as análises, Vieira (s.d.) pôde concluir que as regras de neutralização, descrita por Matoso Câmara, encontram-se em sua fase inicial nos estados da Região Sul do Brasil, em todos os contextos elencados. Entretanto, esse processo encontra-se em uma fase mais avançada na fala dos informantes de Porto Alegre. A autora observou ainda que em ambas as posições, final e não final, a presença de uma vogal alta na sílaba adjacente representa um forte condicionador para a elevação tanto de /e/ quanto de /o/. Finalizando, a autora afirma que a neutralização ainda está sendo introduzida na fala de informantes dos estados da região sul do Brasil. Finalizando, VIEIRA afirma que a neutralização ainda está sendo introduzida na fala de informantes dos Estados da Região Sul do Brasil.

Outro trabalho sobre o alicamento das vogais médias átonas finais no português foi elaborado por Marchi da Silva (s.d), com dados da variante falada em Rincão Vermelho – RS. Nessa pesquisa, a autora buscava

analisar, à luz da teoria de Câmara Jr., como se dava a realização das vogais átonas finais naquela região. Marchi da Silva sustentava a hipótese de que os informantes da comunidade de Rincão Vermelho, na fronteira com a Argentina, já que possuíam contato com o espanhol, apresentariam um comportamento variável para a regra de alçamento vocálico das átonas finais, mostrando uma tendência mais para a preservação das átonas do que para o alçamento. Após a análise dos dados, foi possível para a autora comprovar sua hipótese: os informantes da comunidade de Rincão Vermelho produziram vocábulos que continham oposição entre as vogais /o/ e /u/, /e/ e /i/. Dessa forma, Marchi da Silva pôde observar também que as regras de neutralização propostas por Câmara Jr. estariam em seu estágio inicial nessa localidade, sendo visível o avanço da regra em vocábulos que contêm a vogal /o/, se comparada a da vogal /e/.

O estudo, da mesma natureza, proposto por Viegas (s.d.) que tem por título “O apagamento da vogal átona final em Itaúna/MG e atuação lexical”, buscava analisar a realização das vogais átonas finais, bem como, o processo de apagamento da mesma em sílaba / I V/, citando como exemplo a palavra: amarel ~ u. Neste estudo, a autora analisou as variáveis sociais gênero e idade e as variáveis linguísticas contexto fonético seguinte, classe da palavra, classe da palavra seguinte, vogal da variável, tonicidade e presença de /s/ na sílaba lv. Viegas concluiu sua pesquisa afirmando que em relação aos fatores sociais, os homens favoreceram o processo de apagamento da vogal átona. No que se refere aos fatores linguísticos, pode-se dizer que o apagamento da vogal átona é favorecido quando a vogal final é alta e quando a palavra seguinte se inicia por vogal, caracterizando um caso de apócope da vogal final.

Almeida (1999), em estudo sobre o português falado no Vale do Cuiabá, registrou o alçamento de /e/ para [i] e de /o/ para [u] no contexto pós-tônico, não tendo identificado manutenção de [e] e de [o].

No âmbito da Fonética, Rocha (s.d.) analisou do ponto de vista auditivo e acústico, essas vogais na fala de duas informantes de Mariana, em Minas Gerais, concluindo que, em relação à quantidade, a vogal átona é sempre mais curta do que a tônica; em palavras trissílabas, as postônicas mediais são mais curtas que as postônicas finais; quanto a posição no enunciado, a redução das postônicas é maior quando estas se encontram no meio da sentença (do que em posição final na sentença); e devido a fatores prosódicos, a postônica se assemelha mais a tônica quando está em posição final no enunciado, devido ao alongamento final e ao alongamento da palavra que carrega o acento frasal.

Como se vê, não se pode desconsiderar o fato de que a realização dessas vogais é variável; se, por um lado, a existência da neutralização demonstrada por Matoso Câmara é inegável, por outro, a realização dessas vogais difere segundo os diversos falares do português no país.

Por fim, é importante também mencionar o trabalho elaborado por Meirelles (2008). Este trabalho faz parte da pesquisa de doutorado desta autora, que tem por objetivo apresentar as características fonético-fonológicas do português falado no Rio Grande do Sul. Segundo Meirelles, o quadro de variedade das vogais estudadas se diferem do quadro apresentado por outros estudiosos. Em sua pesquisa, fica claro que as vogais estudadas, a saber, as vogais a, e, E, i, o, O, u se organizam em grupos de três: anteriores, posteriores altas e posteriores baixas.

No âmbito da Fonética, Rocha (s.d.) analisou do ponto de vista auditivo e acústico, essas vogais na fala de duas informantes de Mariana, em Minas Gerais, concluindo que, em relação à quantidade, a vogal átona é sempre mais curta do que a tônica; em palavras trissílabas, as postônicas mediais são mais curtas que as postônicas finais; quanto a posição no enunciado, a redução das postônicas é maior quando estas se encontram no meio da sentença (do que em posição final na sentença); e devido a fatores prosódicos, a postônica se assemelha mais a tônica quando está em posição final no enunciado, devido ao alongamento final e ao alongamento da palavra que carrega o acento frasal.

4. Metodologia

A coleta de dados fundamentou-se nos princípios teórico-metodológicos da Geolinguística, princípios esses coerentes com um dos objetivos perseguidos pelo CED-AC, registrar em mapas um número expressivo de formas linguísticas coletadas em diversos pontos de inquérito, no estado do Acre, a fim de produzir o *Atlas Linguístico do Acre* (ALiAC). Assim, na coleta de dados, foram aplicado aos informantes os questionários do projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), a saber: o questionário fonético-fonológico (QFF), o questionário semântico-lexical (QSL) e o questionário morfossintático (QMS).

As gravações foram feitas com um gravador digital ao qual foi acoplado microfone unidirecional da marca *shure* XLR. Os dados foram armazenados em computador e, em seguida, em CD-ROM. Quanto ao universo da pesquisa, esta compreendeu cinco informantes do município

de Xapuri, três mulheres e dois homens, e quatro informantes de Assis Brasil, duas mulheres e dois homens. Esses informantes se distribuíram em duas faixas etárias, a primeira de 18 a 30 anos e a segunda de 50 a 65 anos. No que se refere ao nível de escolaridade, todos tinham até, no máximo, a quarta série do ensino fundamental.

Após as gravações, efetuamos as transcrições grafemática e fonética dos dados. A transcrição fonética seguiu os moldes do Alfabeto Fonético Internacional.

No que tange ao *corpus*, foram 899 produções no total.

5. *Discussão*

Conforme já dito anteriormente, o *corpus* foi constituído por 899 produções, sendo 680 da vogal átona final /o/ e 219 vocábulos da átona final /e/.

Em uma análise do ponto de vista fonético-articulatório, cabe lembrar que as vogais do português brasileiro constituem o núcleo de uma estrutura na sílaba e podem ser acentuadas ou não. Aquino (1997) explica que essa acentuação está diretamente ligada à posição da vogal “na palavra, no sintagma e no enunciado, além de depender da taxa de elocução e da euritmia, assim como do registro e estilo usados pelo falante”. A vogal tônica, que é portadora de acento, apresenta duração mais longa, quando comparada à vogal átona em que se registra a ausência de acento. Cristóforo Silva (2003), já citada, divide as vogais átonas em pré-tônicas e pós-tônicas, o que retoma os quadros de Câmara Jr., sobre as vogais.

As vogais pós-tônicas são bem mais suscetíveis à redução do que as pré-tônicas, estas semelhantes às tônicas por se encontrarem em ambientes prosodicamente fortes. Daí vem a duração menor da átona em relação à tônica ou à pré-tônica. Acreditamos que essa suscetibilidade se dá não apenas em relação à duração dessas vogais átonas finais, mas também em relação a uma maior predisposição a alterações, no caso, ao alteamento. Uma outra conexão que se pode fazer é com a força articulatória, menos exigida nos casos de articulações átonas em sílaba final, quando se trata da língua portuguesa.

Efetivamente, com base em análise auditiva, atestamos que, em todos os casos, ocorreu o alçamento das vogais médias /e/ e /o/ para as

vogais altas /i/ e /u/, o que confirmou nossa hipótese inicial, sendo o processo categórico na fala de nossos informantes. Esta primeira impressão auditiva foi reafirmada em uma escuta por uma segunda pessoa, como critério metodológico do ALiAC. Posteriormente, pretendemos submeter os dados à uma análise acústica, o que irá conferir maior rigor aos dados. Na tabela a seguir, apresentamos exemplos das palavras coletadas com as transcrições das vogais em análise.

Tabela n. 1 – Exemplos do *corpus*

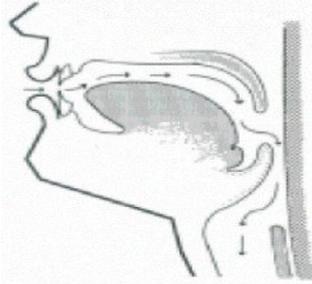
<i>Palavras</i>	<i>Transcrição da vogal analisada</i>
inocente	inocent[I]
dente	gent[I]
tomate	tomat[I]
advogado	advogad[U]
soldado	soldad[U]
barulho	barulh[U]

Com efeito, trata-se de neutralização envolvendo as vogais /e, o/ que, no nosso *corpus*, revelou-se de forma categórica visto que em 100% das produções houve alteamento tanto de /e/ quanto de /o/. Essa regra, segundo Bisol (2003), cria um sistema vocálico natural que existe dentro da própria língua, /i, a, u/. A autora explica que “a passagem de um subsistema para outro é identificada pela elevação gradual da vogal média (E, O > e, o > i, u) que ocorre de acordo com o grau de enfraquecimento da sílaba”, assim, partindo da posição tônica da palavra, as vogais pretônicas se demonstram menos forte que as tônicas e, as postônicas mais fracas que as pretônicas, possibilitando ainda mais a realização do processo de neutralização descrito por Matoso Câmara.

Assim, de acordo com o que se apresentou em nossos dados, é possível afirmar que há indícios de que a neutralização da átona final é um processo estável na variante do português falado em Brasileira ou, pelo menos, que é um processo sedimentado na fala de nossos informantes. É evidente que, para generalizações, necessitamos ampliar o *corpus* e o número de informantes. Feita essa constatação, cabe explicar, como ocorrem essas vogais [i, a, u] do ponto de vista fonético.

Nos diagramas que se apresentam a seguir estão demonstrados as articulações das vogais i, a,u. Com base no sistema triangular das vogais, podemos perceber a localização das vogais em análise:

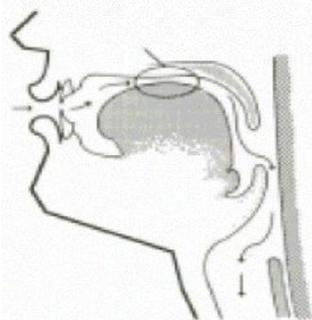
Figura 6 – Articulação da vogal postônica final [a]



Fonte: www.cifraclub.com.br/contrib/img/cursos/curso

Conforme percebemos na figura acima e, de acordo com Gonçalves (s. d.), para a articulação da vogal postônica final /a/, é necessário que a língua permaneça em seu estado natural, ou seja, no eixo central da boca. Dessa forma, é possível notar a livre passagem da corrente de ar pela boca, não ocorrendo interrupções. Entretanto, nossa maior atenção se volta para a articulação das vogais postônicas finais /i/ e /u/, nosso objeto de análise. Na figura 7, encontra-se representada a articulação da vogal postônica final [u].

Figura 7 – Articulação da vogal postônica final [u]



Fonte: www.cifraclub.com.br/contrib/img/cursos/curso

Para a articulação da vogal [u], segundo Gonçalves (s. d.), é necessário que haja um deslocamento da língua para cima na parte de trás da boca, comprimindo, ainda que de maneira leve, a passagem de ar. As vogais, segundo Neto (s. d.), são fonemas sonoros caracterizados pela livre passagem da corrente de ar. Mesmo percebendo essa leve compressão do ar não houve interrupção da corrente de ar, apenas compressão.

Na figura 8, apresentamos a representação das articulações das três vogais finais.

Figura 8 – Articulação das vogais postônicas finais a, i, u.

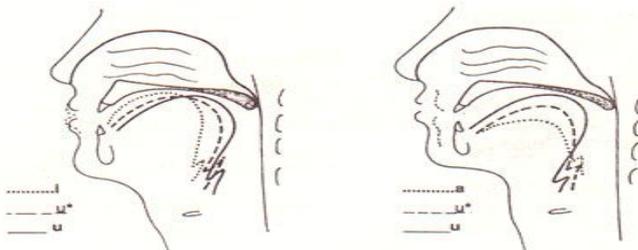


Figura 27 - Vogais agrupadas

* NT: u (u francês)

Fonte: www.studiomel.com/images/F-27-P-85.jpg

Em relação à figura 3, podemos perceber exatamente, a localização da língua com relação à zona de articulação, já que segundo Neto (s. d.), quanto a zona de articulação, as vogais são classificadas em centrais, posteriores e anteriores de acordo com o grau de elevação da língua. Sendo assim, no eixo central, vogal [a], percebemos que a língua permanece em seu estado natural; no eixo anterior, vogal [i], observa-se que a língua foi impulsionada para a parte anterior e, no eixo posterior, vogal [u], a língua foi impulsionada para a parte posterior.

Deve-se, por fim, notar que o alçamento das vogais /e/ e /o/ no nosso *corpus* não se constitui em fato diferente do que se passa nas variedades do português brasileiro, com exceção de parte do português falado no sul do país, conforme visto anteriormente.

6. Considerações finais

Concluimos que a regra da neutralização ocorreu de forma generalizada no *corpus* em estudo, contudo, este resultado sinaliza para alguns problemas que deverão ser sanados em análises futuras, como o número reduzido de informantes. Além disso, a própria estrutura do *corpus* deve ser revista, uma vez que se tratam de respostas a questionários previamente elaborados, o que dá margem, muitas vezes, a respostas contendo uma única palavra isolada. Isso retira do *corpus* a possibilidade de conter parâmetros linguísticos diversos, passíveis de

interferir na produção dos informantes. Dessa forma, para a continuidade da pesquisa, pensaremos na possibilidade de gravações de conversas ou de narrativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, P. A. *O papel das vogais reduzidas pós-tônicas na construção de um sistema de síntese concatenativa para o português do Brasil*. Dissertação de mestrado. UNCIAMP, 1997.

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago. As vogais do português falado no Vale do Cuiabá. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/msalm002.pdf>. Acesso em: 18 de set.2010.

BISOL, L. Neutralização das átonas. *DELTA* [on-line], 2003, vol. 19, n. 2. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 out. 2010.

BORGES, Gislei Lúcia. *Uma análise sobre as vogais pretônicas do município de Uberaba/MG*. Disponível em: <http://www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/amargem2/estudos/MARGEM1-E23.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2011.

CASTRO, Maria Célia Silva de; AGUIAR, Maria Sueli de. O alçamento e o abaixamento vocálicos no dialeto da região do Gerais de Balsas. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/viewFile/7470/5293>. Acesso em: 15 out. 2010.

CÂMARA Jr., J. Matoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 26. ed. 1977.

COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1. ed., 1976.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GONÇALVES, Jefferson. Capítulo 19: Aplicando o Bend. Disponível em: www.cifraclub.com.br/contrib/img/cursos/curso Acesso em: 08 mar. de 2011.

LENZI, Morgana Carina. *Análise das vogais postônicas finais [e] e [o] nos falantes do município de Doutor Pedrinho*. Disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/.../9341. Acesso em: 23 ago. 2011.

LEAL, Ernesto. *Articulação das vogais*. Disponível em: www.studiomel.com/images/F-27-P-85.jpg. Acesso: em 08 mar. 2011.

MACRHY DA SILVA, Susiele. *Elevação das vogais postônicas médias e finais no português falado em Rincão Vermelho – RS. III Mostra de Pesquisa da Pós-graduação*. PUCRS, 2008. Disponível em: www.pucrs.br/.../62009%20-%20SUSIELE%20MACHRY%20DA%20SILVA.pdf. Acesso em: 10 dez. 2010.

MEIRELLES, Virgínia Andréa. *Estudo acústico das vogais tônicas em palavras paroxítonas do português falado no Rio Grande do Sul*. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília* v. 1, n. 2, ano 1, nov. 2008. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/936/822>. Acesso em: 25 fev. 2010

NETO, Pasquale Cipro. *Gramática da Língua Portuguesa*. Disponível em: www.feedbooks.com/userbook/11592.pdf. Acesso em 08 mar. 2011

ROCHA, Fernanda Wermelinger. *Análise auditiva/acústica das vogais postônicas [I, U] no português brasileiro*. Disponível em: http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/12_5.pdf. Acesso em: 07 mar. 2011.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e Fonologia do português brasileiro: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2003.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Apagamento da vogal átona final em Itaúna/MG e atuação lexical*. Disponível em: www.letras.ufmg.br/.../Apagamento%20da%20vogal%20atona%20final%20em%20itauna.pdf. Acesso em: 21 fev. 2011.